

# LOGO, EU EXISTO! ENTRE REPRESENTAÇÕES E AFIRMAÇÕES IDENTITÁRIAS DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA A PARTIR DE IMAGENS DA MÍDIA

## BETWEEN IDENTITY REPRESENTATIONS AND AFFIRMATIONS: IMAGES AND DEMONSTRATIONS OF PERSONS WITH DISABILITIES IN MODERN MEDIA

**Maura Regina Petruski\***  
**Regiane Ranieri Dias\*\***

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão da perspectiva da inclusão social de pessoas com deficiências a partir da mídia contemporânea utilizadas como veículos inclusivos. Para tanto, foram utilizadas as publicações de sites da internet que apresentam dois casos específicos de incorporação social, os integrantes de uma banda de punk finlandesa – PKN - e o texto de um editorial de moda – Revelar - que teve a participação de pessoas com privação de movimentação.

**Palavras chave:** Inclusão, Identidade, Mídias, deficiência.

### ABSTRACT

This article aims to present in an exemplified way some identity manifestations arising from the Discourse on Inclusion, as well as its practice. Based on concepts of Cultural History and authors who previously addressed the theme, the article uses media sources (photos, music, comics), used as a means of linking inclusive aspects. Analyzes and comparisons revealed homogenizing identity characteristics as well as affirmations based on diversity as a factor of social insertion. On the other hand, inclusive discourse produced in its dynamics ambivalent and contradictory results that can be understood through criticisms and reflections of modern social dynamics.

**Keywords:** Inclusion, Identity, Media, People with Disabilities.

---

\*Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná. Professora Adjunta do departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Integrante do corpo docente da pós-graduação do mestrado acadêmico em História e do mestrado profissionalizante em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

\*\*Mestranda do mestrado profissionalizante em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa. regiane\_ranieri@yahoo.com.br

## 1 INTRODUÇÃO

Analisar as diversificadas ações em relação ao processo de inclusão social, bem como os resultados inerentes a essa prática, são temas de constantes debates entre os representantes de vários setores da população bem como de especialistas das áreas de Educação, Sociologia, Filosofia, etc, que buscam compreender essa perspectiva no seio de sociedades a qual deveria ser vista como prerrogativa, e inerente ao ser humano.

Sob o ponto de vista da História, as raízes para essa análise começou a ser trilhada a partir do século XVIII, quando pesquisadores incipiaram a desbravar esse fértil caminho aberto pelos ‘excluídos sociais’, quando novos sujeitos, inicialmente mulheres, trabalhadores e marginalizados, passaram a ser vistos como integrantes de uma categoria passível de exame.

Contudo, a ampliação quanto aos atores sociais a serem analisados não parou por aí, muito pelo contrário, pois sustentados pelos alicerces e fundamentação da Nova História Cultural, na qual novos objetos, abordagens e objetivos se apresentavam a academia.

Dentre os elementos que contribuíram para que a amplitude em relação ao tema despontasse, se encontra o conceito de representação, que na visão de Sandra Pesavento,

É preciso não tomar o mundo – ou as suas representações, no caso – na sua literalidade, como se elas fossem o reflexo ou cópia mimética do real. Ir além daquilo que é dito, ver além daquilo que é mostrado é a regra de ação desse historiador detetive, que deve exercitar o seu olhar para os traços secundários, para os detalhes, para os elementos que, sob um olhar menos arguto e perspicaz, passariam despercebidos (2012, p.33).

A possibilidade para a efetivação de uma nova observação sobre os indivíduos ‘diferentes’ também foi favorecido pelo alargamento do conceito de fontes, que estendeu seu entendimento e ultrapassou as chamadas oficiais, cuja emissão se dava somente por entidades e representantes de setores públicos, levando a abertura para novos horizontes documentais.

Dentre essas estão às midiáticas, impressas ou virtuais, que contribuíram significativamente para que as diversas formas de inclusão pudessem ser analisadas revelando traços culturais específicos, visto que essas são portadoras de discursos que geram

produções de sentidos, além de proporcionarem grande visibilidade aos acontecimentos de um tempo e lugar.

Além de que, não podemos esquecer que existem diferentes concepções de inclusão e podemos falar então, em “inclusões. Para Sofia Freire (2008, p. 2),

a inclusão é um movimento educacional, mas também social e político que vem defender o direito de todos os indivíduos participarem, de uma forma consciente e responsável, na sociedade de que fazem parte, e de serem aceitos e respeitados naquilo que os diferencia dos outros.

É importante salientar que toda prática de integração se faz no meio social, por isso, só se pode entendê-la como um processo gerado, dentro de uma rede complexa de saberes e linguagens que são variáveis, dinâmicas, porém nem sempre compreensíveis, visto que, os estudos de suas práticas e discursos, muitas vezes, buscam dar sentido a uma inesperada, mas indissociável, geração de falas de segregação e exclusão resultante.

Assim, tratando-se de sujeitos que são considerados diferentes, é preciso antes de tudo entender a sociedade da qual estão inseridos. Seus conceitos de igualdade e diferença, bem como suas ações mediante a realidade multicultural e multifacetada. Corrêa & Stauffer (2008, p.134), ao tecerem sobre as políticas inserção afirmam esta realidade de maneira sucinta, a saber,

É no terreno social, nas interações com os entes mais experientes da cultura que se encontra o centro organizador e formador da atividade mental. É neste lócus que se produz significados e esta produção exige a ação do outro, acontece com ou outro. Criamos assim, ações significativas, ações simbólicas, através da linguagem, da cognição, da cultura. Nossas ações são mediadas por signos.

Contudo, a abordagem desta pesquisa a Inclusão é um processo social que leva a uma mudança de postura quanto às pessoas com deficiência, e observando de que maneira uma produção midiática, num contexto específico, delinea e representa este processo.

Buscar compreender dessa referência a partir de uma concepção midiática dentro e seu contexto histórico, pode ser problematizado e entendido como uma ação humana no tempo, passível de análise e questionamento sendo que, de acordo com Peter Burke

e A. Briggles, foi a partir de 1920, é que as pessoas começaram a falar de ‘mídia’ (2016, p. 11), termo esse até então não aplicado as tecnologias da comunicação.

Assim, esse texto foi construído a partir de um estudo de caso de duas modalidades diferentes de mídia atuais, a primeira a internet, que aborda os integrantes de uma banda com pessoas com deficiência da Finlândia a PKN, e a segunda, é o trabalho do “Foto Coletivo Dois” que publicou um ensaio fotográfico para lançamento de moda inclusiva intitulada “Revelar”, da cidade de São Paulo.

A partir de então, o texto parte do princípio de trazer à luz as questões envolvidas primeiramente com o sentido de Igualdade, bem como perceber em que aspectos as diferenças se tornam um fator para inserção social ou sofrem um processo homogeneizador.

## 2 A INCLUSÃO COMO PRÁTICA GERADORA DE IDENTIDADES: BANDA PKN

No cenário do mundo contemporâneo verificamos a abrangência da gama de interpretações sobre o tema inclusão de pessoas com necessidades especiais nos diferentes campos de atuação, fato esse que pode ser percebido por meio de autores que buscam apresentar informações a respeito de indivíduos que se agregam nessa categoria, na tentativa de inseri-los e também serem aceitos na sociedade como seres capazes e atuantes.

Isso ocorre porque em muitos casos notamos certa marginalização e discriminação dessas pessoas, mesmo que tal condição não os refreiem de continuarem exercendo atividades, tanto no seio de grupos e comunidades quanto da sociedade em geral.

O estudioso Michel Foucault (1975, p.49) foi um dos pensadores que escreveu a respeito da perspectiva sobre a psicologia e a doença mental, e considera que “a doença só tem realidade e valor de doença no interior de uma cultura que a reconhece como tal”, e ainda “[...] inicialmente que não existe cultura que não seja sensível, na conduta e na linguagem dos homens, a certos fenômenos com relação aos quais a sociedade toma uma atitude particular [...]. Há algo neles que fala da diferença e chama a diferenciação (1975, p.61).

Essa assertiva pode ser vista tendo como referência o grupo musical PKN (ver figura 1), originário de Helsinque (Finlândia), que é composto por

integrantes ‘especiais’, uma vez que são pessoas com Síndrome de Down e autistas.

Remetendo a cultura do punk, e juntos à aproximadamente nove anos, a banda teve sua formação idealizada a partir do encontro dos quatro indivíduos numa oficina de caridade oferecida a adultos que eram pessoas com deficiência intelectual, os quais mostram ao mundo que é possível romper barreiras e vencer obstáculos apesar das diferenças, tendo um propósito de construir um novo caminho.

Figura 1 – Componentes da banda PKN



Da esquerda à direita: Pertti Kurikka (guitarra), Sami Helle (baixo), Kari Aalto (vocalis) e Toni Väitalo (bateria)

Fonte: <https://crushemhifi.files.wordpress.com/2015/02/pertti-kurikan-nimipc3a4ivc3a4t-anton-sucksdorff-umk-2015-eurovision.png>

A designação do título da banda de PKN vem do nome um de seus componentes, Pertti Kurikan Nimipaivat, que o emprestou ao grupo quando de sua constituição, visto que foi o idealizador do projeto musical.

Desde a formação e divulgação desse grupo, a mídia internacional e também à brasileira, começou a chamar a atenção para com eles, quando uma série de reportagens foram produzidas, entre as quais pode ser citada a do jornal Folha de São Paulo do dia 08 de abril de 2015, cujo título é *Banda finlandesa PKN é formada por músicos com down e autismo*. Nesse editorial, em relação ao estilo musical escolhido, Sami (baixista) disse que “o punk nos deixa ser nós mesmos”. Por intermédio dessa fala, podemos perceber que existe o sentimento de barreira em relação a sociedade e aos elementos que os cercam.

Com o título *O punk finlandês quebra barreiras*<sup>1</sup>, de maio de 2015, temos outra entrevista, que

<sup>1</sup><https://finland.fi/pt/arte-amp-cultura/pkn-o-punk-finlandes-quebra-barreiras/>

evidencia que os paradigmas podem ser superados por indivíduos que buscam e querem a mudança, superando muitas vezes seus próprios obstáculos.

Wif Stenger foi o responsável pela reportagem cuja chamada foi O punk avassalador da PKN no Eurovision, em março de 2015<sup>2</sup>, que mostrou a atuação do quarteto nesse que é o maior festival da canção da Europa, uma espécie de Olimpíada de canções pop que acontece nessa perspectiva apenas nesse continente.

Entre as suas falas apresentadas na entrevista, Sami desabafou em relação ao sentimento de exclusão: “Nunca havia me sentido em igualdade neste país, e este é um dia muito importante para mim”, declarou. “Estávamos à espera deste momento”.

Ainda de acordo com o autor,

em antes da PKN vencer o concurso de classificação para o festival, a banda punk americana Dead Kennedys recomendou uma matéria sobre o grupo para 1 milhão e meio de fãs no Facebook. Este artigo, publicado no site Death and Taxes, elogiou a banda, apesar de decevê-los erroneamente como “banda cujos membros têm Síndrome de Down”. Em seus comentários, os leitores enalteceram a banda por incorporar o verdadeiro espírito anti-autoritário do punk e a filosofia do “faça você mesmo”.

Enquanto isso, ainda de acordo com o redator o jornal britânico Independent erroneamente destacou uma matéria que a PKN buscou participar do festival ‘com o intuito de aumentar a conscientização’, muito embora, em outra entrevista que foi cedida para a BBC, o baixista Sami Helle, minimizou este ponto de vista, visto que, provavelmente ele não se vê como diferente.

Assim, com um estilo musical específico – punk – e melodias de pequena duração, lançaram um disco por eles chamado *Kuus Kuppia Khavia Já Ykes Kokis* (2012), que tem nas letras de suas canções a perspectiva voltada para a percepção das diferenças e ao mesmo tempo da igualdade. O trecho da letra da música Aina mun pitää, de autoria dos membros da própria banda, pode evidenciar essa referência.

Eu sempre tenho que limpar

Eu sempre tenho que lavar a louça

Eu sempre tenho que ir trabalhar

Eu sempre tenho que ver o médico

<sup>2</sup> <https://finland.fi/pt/arte-amp-cultura/o-punk-avassalador-da-pkn-no-eurovision/>

Não consigo usar o computador  
 Não consigo assistir televisão  
 Nem consigo ver meus amigos (traduzido)<sup>3</sup>  
 (Pertti Kurikan Nimipäivät)

Lendo a letra da canção, pode ser observado que existe a clara intenção de demonstrar a normalidade dos indivíduos com as situações corriqueiras da vida, embora se encaminhe para evidenciar algumas dificuldades encontradas por pessoas com esses problemas enfrentam diariamente, sendo que em nenhum momento se menciona o elemento ‘diferente’, ‘separado’ ou algo específico que evidencie distinção.

Desta forma, a prática inclusiva aqui representada se traduz em ações de normalização, tanto a imagem como a letra da música constroem aspectos comuns entre os sujeitos envolvidos, sejam eles com necessidades especiais ou não.

Outro dado relacionado ao grupo e que mira a perspectiva da inclusão por parte de um instrumento midiático foi à elaboração de um documentário, no ano de 2009, com sucesso de crítica e diversas premiações, chamado *The Punk Syndrome*, quando os quatro se transformaram em atores ao participarem da projeção, como forma de chamar a atenção para as pessoas com essa síndrome. De acordo com Stenger, o filme mostra quatro homens tentando expressar suas frustrações com os sistemas sociais vigentes.

Além do mais, ao observar os detalhes da imagem exposta acima (figura 1), pode-se dizer que os integrantes da banda estão caracterizados de forma similar, remetendo-os a uma tendência da cultura musical do punk. Em relação à roupa, ela possibilita entender que existe uma ideia de trazer ao público uma identidade cultural e de grupo, que busca a aproximação com um estilo que foi construído socialmente a esse ritmo musical.

Nesse caso, as peças de roupas e os acessórios, atuam como uma representação simbólica para a construção de uma memória que se solidifica por meio do visual, deixando marcas e não estabelecendo fronteiras.

<sup>3</sup> I always have to clean up  
 I always have to do the dishes  
 I always have to go to work  
 I always have to see the doctor  
 I can't use the computer  
 I can't watch telly  
 I can't even see my friends ((Pertti Kurikan Nimipäivät)

Bauman (2005, p.44) explicita que os aspectos homogeneizantes como “[...]aqueles que constituem ou desarticulam as suas identidades mais ou menos à própria vontade, escolhendo-as no leque de ofertas extraordinariamente amplo, de abrangência planetária”.

De mais a mais, a formalização dos gestos também remetem subjetivamente a afirmação identitária, que traduz um grupo com algo partilhado, reconhecido diretamente por “iguais”, uma vez que, são diferentes para o restante da sociedade, mas não para eles. O fato de um indivíduo socialmente estigmatizado possuir a mesma prática que as outras pessoas, ditas como ‘comuns’ não faria o mesmo sentido, como Goffman nos lembra:

Assim, mesmo que se diga ao indivíduo estigmatizado que ele é um ser humano como outro qualquer, diz-se a ele que não seria sensato tentar encobrir ou abandonar “seu” grupo. Em resumo, diz-se-lhe que ele é igual

qualquer outra pessoa e que ele não é – embora os porta-vozes concordem pouco entre si em relação a até que ponto ele deveria pretender ser um ou outro. (2004, p.107)

Buscar aquilo que há de coletivo em prol da inclusão pode gerar duas concepções essenciais; a primeira, seria uma resultante direta, ou seja, a criação de uma nova identidade não tão estrita quanto a anterior, de maneira a afastar a exclusão em prol de uma “comunidade plenamente inclusiva” (BAUMAN, 2005, p.86).

A segunda, não menos importante, seria uma definição ainda mais acentuada daquilo que é evidentemente diferente, pois logicamente, ao se evidenciar o igual, devem haver parâmetros de igualdade e diferença. Com isso, a incorporação parte de um princípio mais abrangente: de uma suposta diferença essencial (de cunho social) que já reside na sociedade, pois como afirmam Corrêa & Stauffer (2008, p.123): “Para nós, pensar a Educação Inclusiva significa entender a instituição da nossa sociedade a partir das diferenças”.

### 3 A INCLUSÃO NAS PÁGINAS DE UMA REVISTA

Entender uma produção midiática implica em compreender um discurso formado objetivamente, isto é, a representação contida numa publicação de uma

revista voltada para o então mercado da inclusão possui uma carga de elementos invisíveis que não necessariamente as pessoas com as necessidades: editores, fotógrafos, designers, arte finalizadores, especialistas em marketing, etc.. Essa ideia nos leva a considerar que,

A mídia enquanto lugar discursivo é atravessado por discursividade dispare e de diferentes lugares sociais, de diferente posição-sujeito e de diferentes formações discursivas. Com isso, o discurso produzido nunca será o do cadeirante, mesmo que esse discurso seja apresentado formalmente como tal, nem mesmo quando podemos reconhecer neste discurso saberes da pessoa com deficiência. A representação do sujeito deficiente desde o processo de segregação ao de integração, a partir desse lugar discursivo, sempre vai ser um discurso em que o discurso do/sobre se imbrica em sua formulação e tal imbricamento se deve ao fato de que ele é construído por um sujeito afetado por uma relação com a língua/história, sendo que essa relação não se encaixa com a das pessoas com deficiência. (SILVIA & SOUZA, 2016, p.06)

Sendo assim, Peter Burke evidencia a sua utilização como elemento de divulgação como recurso para a construção de conhecimento para a pesquisa histórica, na medida de se fazer as perguntas certas às imagens desde que haja problematização, visto que elas possuem muito a acrescentar em relação aos documentos escritos (BURKE, 2004, p.233)

Daí a relevância em se utilizar dessas fontes na construção da história, na medida em que, o senso comum e o conhecimento empírico são agentes subjetivos e constitutivos dos conceitos humanos. E ao se tratar dos significados de igualdade e de diferença, é que podemos perceber os elementos que sofrem variações conforme as concepções do ‘diferente’ numa cultura e de que forma esse sujeito se relaciona com os chamados estigmas como denomina Goffman(2004).

Trata-se, portanto, de reconhecer a ideia da inserção como uma atitude particular da sociedade frente a uma percepção do ‘não igual’, quando o mesmo se identifica como tal e por isso deve fazer parte do corpo social, bem como de sua produção.

Observando as imagens apresentadas abaixo (figuras 2, 3, 4 e 5), que são fruto de uma iniciativa de inclusão no mundo da moda, por meio de um trabalho do Foto Coletivo Dois, que foi chamado de Projeto Revelar- Editorial de moda inclusiva - , podemos

ilustrar o raciocínio exposto acima, cujo objetivo foi chamar a atenção para a adequação da roupa às pessoas com deficiência física.

De acordo com Renata Mariano, “integrada num contexto social, a indumentária é capaz de identificar indivíduos, classes sociais, etnias e religiões. É por intermédio das roupas que é possível identificar uma época da história, um comportamento, um padrão de beleza, sendo assim, é possível pensar no vestuário como um sistema de códigos com inúmeros significados coletivos (2015, p. 3).

O ensaio fotográfico, ora em questão, foi produzido em 2014, e composto por quatro pessoas (dois homens e duas mulheres). Com um texto de abertura bastante impactante a causa, o editor chama para atenção dos leitores: “(...) Tirar o véu, deixar vê, mostrar, descobri, fazer conhecer o que era ignorado ou secreto; divulgar”<sup>4</sup>. Mais abaixo na página do editorial, buscou-se mostrar a necessidade em se atentar para as pessoas que se enquadram nessa categoria da ‘diferença’:

A palavra que intitula este ensaio é uma gama de significados quando paramos para observar as histórias que cada fotografia deste editorial nos conta. Experiências que nossos modelos estiveram dispostos a compartilhar trazem à tona questões que muitas vezes não nos atentamos por não fazerem parte do nosso cotidiano.

Empatia seria a segunda palavra que sugerimos para mover este editorial. Afinal, quando vemos a partir do olhar dos modelos que serão apresentados, sentimos a necessidade vindo à tona.

Necessidade de adaptação!

Necessidade de inclusão!

Necessidade do olhar!

Figura 2 – Maiara



Fonte: <http://fotocoletivodois.com/trabalhos/-revelar/>

Figura 3 - Jaqueline



Fonte: <http://fotocoletivodois.com/trabalhos/-revelar/>

<sup>4</sup> O Projeto Revelar. Disponível em: <<http://fotocoletivodois.com/trabalhos/revelar#>>. Acesso em: 15.04.2017.

Vale lembrar que, as roupas são elementos intermediários que ligam as pessoas a identificação com o seu meio, visto que ela interfere na dinâmica de uma sociedade e da cultura. De acordo com Maria de Fátima Grave,

a moda é a base para a valorização da aparência e da crítica, caracterizando os diferentes períodos da história. Percebe-se ao longo dos tempos, a necessidade de diferenciação entre as pessoas de culturas diferentes e tal necessidade se manifesta por meio de práticas de caráter cultural como infibulação, circuncisão, perfuração, cicatrizes decorativas e outras tais como alterações forçadas de partes do corpo (a deformação intencional dos pés das chinesas é um bom exemplo). A incessante renovação, evolução e involução dessas práticas estão agregadas a cada fato histórico, às revoluções, aos movimentos artísticos e ao desenvolvimento científico ou mesmo à decadência dos costumes (2010, p. 22).

É importante ressaltar que a proposta dos produtores foi claramente de mostrar o desigual, como trazer à tona algo que está presente, porém cortinado e alheio a muitos.

Figura 4 – Marcelo



Fonte: Fonte: <http://fotooletivodois.com/trabalhos/-revelar/>

Foi o que abordou Marcelo, médico e vítima de um acidente, com 43 anos no ano da publicação:

Acredita que a Moda Inclusiva é um tema que deveria ser abordado para que exista maior consciência sobre as dificuldades que uma pessoa com deficiência física tem, tanto no dia-a-dia, quanto na hora de se vestir. Costuma ter dificuldade em comprar roupas e dificilmente encontra peças que lhe sirvam perfeitamente (2014, p. 4).

Figura 5- Ítalo



Fonte: Fonte: <http://fotooletivodois.com/trabalhos/-revelar/>

De maneira geral, essas pessoas não se encaixam dentro dos padrões aceitos socialmente para exercerem a função de modelo. Essa proposição denota ainda, uma preocupação com a construção de estereótipos subjetivamente delineados e selecionados e, consequentemente, excluindo, como afirma Goffman (2004, p.109):

Além disso, embora algumas dessas normas, como a visão e a alfabetização, devam ser, em geral, sustentadas com total adequação pela maior parte da sociedade, há outras normas, como as associadas com a beleza física, que tomam a forma de ideais e constituem modelos perante os quais quase todo mundo fracassa em algum período da vida.

Logo, o enquadramento remete ao fato de demonstrar e integrar o define físico ou mental, ao mesmo tempo em que rege padrões de conduta e aceitação, característica por vezes contraditórias.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Olhando atentamente a questão da inclusão, é clara a ambiguidade originada da própria tentativa de resolver uma questão importante, como uma equação de segundo grau que possui uma raiz negativa, quando, muitas vezes, o resultado inesperado da prática inclusiva desencadeia no seu antônimo.

Não se trata de analisar intencionalidade, apenas de salientar que socialmente construídas as questões significantes para a sociedade geram resultantes diversas, que se contradizem e se complementam.

Corrêa e Stauffer (2008, p.123) analisam essa realidade: “A perspectiva inclusiva aparta-se da ânsia de homogeneização dos seres humanos, visto que esta homogeneização tem gerado a exclusão. Portanto, exclusão/inclusão são movimentos que se embatem, que lutam, que se antagonizam”.

Equivale dizer que onde existe o discurso da inclusão, concomitantemente considera-se a exclusão como parte da prática inclusiva, uma vez considerada a ideia inclusiva, pode-se perceber simultaneamente a contraditoriedade identitária; o sujeito incluído culturalmente de alguma forma é excluído pela mesma cultura. Por isso, as definições do “eu” da pessoa com necessidades especiais que geralmente se formam são ambivalentes, ora de afirmação de igualdade em relação ao “outro”, ora de diferenciação.

Bauman(2005) afirma que com relação à ambivalência identitária, uma das faces ou valores geralmente são atenuados pela sociedade e seus meios de comunicação, a fim de deixar em evidência o valor aceitável. Neste caso, quando se fala sobre a inclusão, a exclusão é o valor desprezado. Dessa forma,

a ambivalência contínua resulta em dissonância cognitiva, estado mental notoriamente aviltante, incapacitante e difícil de aguentar. Traz, por sua vez, o repertório usual de estratégias atenuantes, entre os quais o rebaixamento, o menosprezo e a depreciação de um desses dois valores inconciliáveis constituem o recurso mais comum. (BAUMAN,2005, p.98)

Muitas correntes teóricas exploram a questão da inclusão no viés de suas práticas representativas, no entanto pouco se desenvolve no intuito de compreender as ideias subjetivas resultantes da inclusão como *práxis*.

Assim sendo, as definições que ficaram bastante claras consistem no entendimento de que seja qual for

as formas de se observar a inclusão, por uma tentativa de homogeneização, ou através de uma cultura baseada na diversidade, considerando as diferenças como fatores sociais comuns, existem discursos inesperados e situações conflitantes que se fazem presentes.

Tal processo deve principalmente ao âmbito do social. Isso significa dizer que a partir do momento em que a sociedade enfrenta uma situação considerada atípica, o desenvolvimento de uma ideia aparentemente sólida como a inclusão acaba se tornando um processo dinâmico, de variantes imprevisíveis, ou seja, uma lógica fluída conforme a abordagem apresentada.

Seria muito sintético afirmar apenas que a proposta de inclusão gera a exclusão, embora demonstre ser uma realidade, uma vez que é preciso compreender o processo que acaba formando essas concepções. Neste caso, uma postura centrada na inclusão demonstra ser desconstruída no decorrer da convivência humana pelos próprias características sociais da modernidade, que como afirmou Bauman (2005), são instáveis, dinâmicas e ambivalentes.

O que pode se desenvolvido em prol de uma inclusão mais aberta são políticas públicas que abarque o pensamento crítico, orientado pela compreensão histórica que inclua a inclusão de pessoas com necessidades especiais. Ser especial não significa ser menor ou incapaz, também não necessita que criemos mais estereótipos em torno de seu modo de vida. A própria definição do que é especial deve ser concebida como algo que cabe somente ao sujeito, pela sua concepção de mundo.

#### 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Banda PKN. **Banda finlandesa de músicos com deficiência é favorita para concurso.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/musica/noticia/2015/03/banda-finlandesa-de-musicos-com-deficiencia-e-favorita-para-concurso.html>> Acesso em: 30 Nov.2015

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar,2005.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e Ambivalência.** Rio de Janeiro: Zahar,1999.

BRENDA, Ana de Oliveira.; HEMMEL, Gislene Reimberg. **A representação do autista em uma revista de história em quadrinhos destinada ao público infantil:** uma análise frente aos desafios da inclusão. 2011. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) Ciências Biológicas, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo,2011.

CORREA, Daniel; VERISSIMO, Leticia; BIAJANTE, Mayra. **Editorial Revelar**. Disponível em: <<http://fotocoletivodois.com/trabalhos/revelar#>>. Acesso em: 30 Nov. 2015.

CORRÊA, Vera Lúcia Alves dos S. ; STAUFFER, Anakeila de Barros. Educação Inclusiva: repensando políticas, culturas e práticas na Escola Pública. In:

SANTOS, M. P.; PAULINO, M. M. (orgs). **Inclusão em Educação**: Culturas, políticas e práticas. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Doença Mental e Psicologia**. Tradução de Lilian Rosa Shalders. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. Disponível em: <http://ir.nmu.org.ua/bitstream/handle/123456789/131638/5174ee58a95d324bb833826602ef78d5.pdf?sequence=1> Acesso em : 3. Dez. 2015

FREIRE, Sofia. **Um olhar sobre a Inclusão**. Revista da Educação, Vol. XVI, nº 1, 2008 5 - 205 .

GOFFMAN, Erving. **Estigma** – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Mathias Lambert. 4. Ed. 2004. Disponível em: <[http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/92113/mod\\_resource/content/1/Goffman%3B%20Estigma.pdf](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/92113/mod_resource/content/1/Goffman%3B%20Estigma.pdf)>. Acesso em: 3 Dez. 2015

GRAVE, Maria de Fátima. A moda vestuário e a ergonomia hemiplégico. São Paulo: Escritura e Editora de Livros Ltda. 2010.

GUHUR, Maria de Lourdes Periotto. **Revista Brasileira de Educação Especial**. A Representação da Deficiência Mental numa Perspectiva Histórica. São Carlos. Vol. 02. p.75-83. 1994.

NIMIPAIVAT, Pertti Kurikan. **I always have to (Aina mun pitää)** In: Eurovision Song Contest. Vienna: 2015. Disponível em: <http://lyricstranslate.com/en/aina-mun-pit%C3%A4%C3%A4-i-always-have.html>. Acesso em 03 Dez. 2015

SANTOS, M. P.; PAULINO, M. M. (orgs). **Inclusão em Educação**: Culturas, políticas e práticas. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SOUZA, Mauricio de. **A turma da Mônica: um amiguinho diferente**. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/PriDomingos/a-turma-da-mnica-um-amiguinho-diferente>>. Acesso em: 30 Nov. 2015.